

CAPÍTULO 17

Psicologia política e migração: do voto ao *Preste*, formas tradicionais e não tradicionais de fazer política entre imigrantes bolivianos/as

Ismael Eduardo Schwartzberg Arteaga

Antecedentes da crise de saúde

O primeiro caso de covid-19 foi detectado na cidade de Wuhan, na China, em 17 de novembro de 2019.¹ Em 11 de março de 2020, Tedros Adhanom Gue Breyesus, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou a pandemia do coronavírus quando se registravam 118 mil casos e 4.291 óbitos.²

No Brasil, o primeiro caso de covid-19 foi registrado em 25 de março de 2020. O homem que testou positivo no hospital Albert Einstein, na cidade de São Paulo,

1 Se cumple un año del primer caso confirmado de covid-19 en el mundo. FORBES. 2020. Disponível em: <https://www.forbes.com.mx/noticias-se-cumple-un-ano-del-primero-caso-de-coivid-19/> Acesso em: 15 out. 2021.

2 MOREIRA, A.; PINHEIRO, L. OMS declara pandemia de Coronavírus. G1. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 15 out. 2021.

voltava de viagem da Itália, país que naquele momento registrava 11 mortes.³ Embora no início se dissesse que a covid-19 era uma doença democrática, porque afetava a todos sem distinção de classe social, com o passar do tempo percebeu-se que, na realidade, essa afirmação não era correta. Por exemplo, um estudo publicado na revista *International Journal of Epidemiology* realizado por pesquisadores da Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo, entre os meses de março e setembro do ano 2020 na cidade de São Paulo, revelou que o risco de morte por causa do covid-19 era 77% maior entre a população negra em relação à branca, e era 42% maior entre os pardos e os brancos (Ribeiro, 2021).⁴ A epidemiologista e responsável por essa investigação, Karina Braga Ribeiro, explicou que os fatores principais dessas desigualdades eram principalmente raciais e socioeconômicos, já que essa população encontrava-se exposta à doença por não ter as condições habitacionais para fazer o isolamento social. Além disso, os integrantes dessa população desfavorecida tinham que sair de casa para trabalhar, usavam o transporte público e tinham dificuldade de acesso aos serviços de saúde.⁵

Nesse contexto de crise pandêmica, um dos grupos mais vulneráveis e também invisibilizados foram os imigrantes, em especial os recém-chegados ao Brasil, pois se encontravam em um situação ainda mais complicada, sem possibilidade de trabalho e, conseqüentemente, sem recursos econômicos para a locação de uma moradia.

O artigo “Covid-19 é imigração internacional na região metropolitana de São Paulo” (Magalhães, Bogús, Baeninger, 2021)⁶ faz questão de apontar a invisibilidade nas políticas públicas relacionadas aos imigrantes internacionais quando, apesar de sua importante presença nos últimos anos, nas estimativas de dados oficiais sobre óbitos por coronavírus no Brasil, não tinham considerada a nacionalidade nos registros do Ministério da Saúde. Para os autores, a invisibilidade nos registros revela uma questão mais aprofundada, que seria a manutenção de uma fronteira, mas não uma fronteira material, uma fronteira civilizatória que tenta encobrir as desigualdades, as diferenças, com o fim de não ter que trabalhar na construção de uma sociedade mais justa. A homogeneidade nesse sentido seria uma forma de invisibilidade.

3 Brasil confirma primeiro caso do novo Coronavírus. Folha de São Paulo. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/02/brasil-confirma-primeiro-caso-do-novo-coronavirus.shtml?origin=folha>. Acesso em: 15 out. 2021.

4 RIBEIRO, K. B. *et al.* Social inequalities and covid-19 mortality in the city of São Paulo, Brazil. *International Journal of Epidemiology*. 28 fev. 2021.

5 BARROS, R. Desigualdade Social e Racial é fator importante por trás de óbitos relacionados a covid-19. FAPESP. 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/desigualdade-social-e-racial-e-fator-importante-por-tras-de-obitos-relacionados-a-covid-19/>. Acesso em: 15 out. 2021.

6 MAGALHÃES, L. F.; BÓGUS, L.; BAENINGER, R. Covid e imigração internacional na região de São Paulo. In: REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana. 2021

No caso dos imigrantes bolivianos e bolivianas, que são o grupo de pessoas com as quais interagimos para os fins de nossa investigação, ocorreu um caso particular: o governo boliviano negou a entrada de qualquer pessoa por período de várias semanas, incluindo os próprios bolivianos e bolivianas, que, no desespero de poder voltar à Bolívia, até arriscaram viajar em ônibus clandestinos para cruzar a fronteira em rotas irregulares.⁷

Um caso conhecido foi de um grupo de 46 pessoas que comprou passagens em uma agência de viagens boliviana em São Paulo, mas foi detido na fronteira por não ter autorização. O ônibus voltou para São Paulo e, como as pessoas não tinham mais onde se hospedar, foram acolhidas no salão de festas do empresário boliviano Germán Poma.⁸

Nesse local, ficaram por quase duas semanas, até que o Consulado Boliviano em São Paulo conseguiu as autorizações do governo boliviano para que o grupo de pessoas tivesse a autorização para atravessar a fronteira e que, na cidade fronteiriça de Puerto Quijarro, estivesse tudo organizado para receber o grupo de pessoas em um lugar em que fariam a quarentena obrigatória de 15 dias.

Antecedentes da crise política

Contudo, pouco tempo antes do conhecimento do primeiro caso de coronavírus na Bolívia, começava uma crise social. As eleições presidenciais provocaram a queda do presidente Evo Morales, em outubro de 2019,⁹ crise que se estendeu durante o governo

7 Em março de 2020, a presidente Janine Añez decretou várias medidas para evitar a propagação do Coronavírus. Uma delas foi o fechamento das fronteiras, porém isso prejudicou a milhares de bolivianos/as que queriam voltar ao país. Um dos casos que mais impactaram foi o de bolivianos/as que queriam voltar do Chile e tiveram que passar semanas na fronteira esperando a entrada. AGUILAR, A. *Centenas de bolivianos quedan varados en frontera con Chile por el covid-19*. Anadolu Agency. 3 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.aa.com.tr/es/mundo/centenas-de-bolivianos-quedan-varados-en-frontera-con-chile-por-el-covid-19/1791666#>

8 Germán Poma morreu de covid-19 no ano de 2020. Na época da pandemia, ele foi uma pessoa que colaborou com as famílias mais carentes. Poma era empresário e teve uma das oficinas de costura com maior número de operários/as bolivianos/as na década passada. Ele foi fundador e presidente da Associação Cultural Folclórica Bolívia Brasil (ACFBB),

9 Evo Morales renunciou ao mandato após forte pressão pelos protestos sociais e, principalmente, após o motim da polícia e a sugestão de renúncia feita por meio de uma carta da cúpula do comando militar. Os protestos começaram na noite de 20 de outubro, quando o Tribunal Supremo Eleitoral (TSE) suspendeu a contagem rápida das urnas em torno de 80% da apuração e a tendência indicava um segundo turno entre Evo Morales do Movimiento ao Socialismo (MAS) e Carlos Mesa de *Comunidad Ciudadana* (CC). Ao dia seguinte, quando a contagem de votos recomeçou a 90% da apuração, o TSE anunciava a vitória de Evo Morales no primeiro turno. Evo Morales solicitou à Organização de Estados Americanos (OEA) a fazerem uma fiscalização da eleição e o resultado indicou a existência de irregularidades. *Renúncia do Presidente Evo Morales: Os fatores que levaram a queda do Presidente da Bolívia*. [S.l.] BBC News Brasil 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=UXv_F9LqYtc Acesso em: 21 jul. 2022.

de Jeanine Áñez, até outubro de 2020, quando finalmente se realizou um novo processo eleitoral. Essa conjuntura política colocou os/as bolivianos/as que moram no exterior em uma situação inédita, em meio a duas crises: de saúde e política.

Por essas razões, e ainda no pico da pandemia, os/as bolivianos/as residentes no exterior foram novamente às urnas para eleger o presidente e exercer seu direito ao voto¹⁰ em setembro de 2020,¹¹ já que as eleições de 2019 foram anuladas devido a indícios de irregularidades no processo eleitoral, de acordo com o relatório da Organização de Estados Americanos (OEA).

O processo de votação foi particularmente complexo na cidade de São Paulo, cidade onde mora a grande maioria da população boliviana. A complexidade tinha um cunho político, porque até dois meses antes não existiam locais nos quais devia ser realizada a eleição, como consequência da atitude pouco ativa na gestão do consulado boliviano em São Paulo, instituição que, no ano 2020, contava com funcionários novos e alinhados ao partido de governo de Jeanine Áñez.

Psicología política das eleições 2020

O partido político Movimiento al Socialismo (MAS) ganhou todas as eleições para presidente que se realizaram desde o ano 2009, ano em que se inaugurou o voto no exterior. Nos anos 2009, 2014, 2019 e 2020, o partido político MAS ganhou as eleições no exterior por uma ampla margem em relação ao segundo e, fundamentalmente, pela votação registrada na Argentina e no Brasil.

Na eleição anulada do ano 2019, o MAS conseguiu 22.215 votos, ou seja, 70,72% da votação no Brasil e o segundo com maior votação foi o Partido Demócrata Cristiano (PDC) com 5.252 votos, 16,72% da votação no Brasil, ficando, em terceiro lugar, o *Comunidad Ciudadana* (CC) com 3.031 votos e 9,65% da votação.

Nessa eleição se produziria um caso inédito, o candidato à presidência pelo PDC seria o coreano – boliviano Chi Hyun Chung, um médico e pastor evangélico que no resultado geral ficou em terceiro lugar após de Comunidad Ciudadana

10 O ano 2009 foi a primeira vez que os bolivianos e bolivianas teriam o direito de votar e escolher o presidente e vice-presidente. Até agora se realizaram 4 eleições na que residentes no exterior exerceram esse direito: 2009 - 2014 - 2019 - 2020. Em todas as eleições o Movimiento al Socialismo (MAS) ganhou com porcentagens maiores ao 60%: 64,22%, 61,01%, 70,72%, 86,29% respectivamente. *Organo Electoral Plurinacional. Elecciones Generales*. Disponível em: <https://www.oep.org.bo/>. Acesso em: 18 jul. 2022.

11 Na eleição de 2020, o Movimiento pelo Socialismo (MAS) venceu novamente, mas desta vez com a candidatura à presidência de Luís Arce Catacora que foi Ministro da Economia nos 3 períodos em que Evo Morales foi presidente. Na contagem final, o MAS teve 55,11% dos votos no Brasil teve 23.288 votos. Na eleição de 2019, que foi anulada, o MAS teria obtido 46,64% dos votos e no Brasil obteve 22.215 votos. *Organo Electoral Plurinacional. Elecciones Generales*. Disponível em: <https://www.oep.org.bo/>.

(CC), mas no Brasil ficou em segundo lugar depois do MAS, o qual poderia explicar a grande influência que a religião evangélica exerce entre os imigrantes bolivianos que moram no Brasil.

No ano 2020, o MAS ganhou novamente as eleições, com uma quantidade maior do 2019, 23.288 votos, mas dessa vez o segundo lugar foi para o CC, com 2.066 votos e, em terceiro lugar, ficou o Creemos, liderada pelo Luis Fernando Camacho, atual governador do Departamento de Santa Cruz. Em 2019, Camacho exercia o cargo de presidente do Comitê Cívico da cidade de Santa Cruz, e era até esse momento um desconhecido para o resto do país, porém, após a eleição do 2019, assumiu protagonismo como opositor ao MAS, constituindo-se em figura-chave nos sucessos políticos que levaram a caída e posterior fuga de Evo Morales para o México.

Os dados que apresentamos sobre os resultados das eleições para presidente e vice-presidente de bolivianos/as no exterior e, principalmente, no Brasil nos parecem relevantes porque, a partir desses dados, podemos perceber informações importantes, como características socioeconômicas, culturais, políticas que têm os bolivianos/as que migraram para diferentes países do mundo e como a decisão de votar por um candidato fora das fronteiras traz uma significação tão particular para quem não está em seu país de origem.

Como já indicamos acima, os bolivianos e bolivianas votaram pela primeira vez no exterior em 2009, ou seja, quando o MAS cumpria seu primeiro mandato de governo. Pelos dados expostos, a implementação e o direito ao voto no exterior trouxe um importante respaldo ao presidente Evo Morales e a seu partido, pois, nos países onde existe maior quantidade de bolivianos, como Argentina e Brasil, a eleição pelo MAS foi vencida por ampla margem de votos, porém, em países como Espanha e Estados Unidos, onde também existe um número importante de bolivianos/as, o partido perdeu as últimas eleições para a Comunidad Ciudadana.

Nesse sentido, surge o questionamento: quais são as razões que vão determinar a escolha de um eleitor que mora fora de seu país? Também é avaliado se suas condições econômicas e sociais estão diretamente afetadas pelas políticas públicas e pelas leis do país onde mora e não pelas políticas públicas e leis do país de procedência.

Nesse sentido, assumimos que a escolha do eleitor que mora no exterior está baseada pelas intersubjetividades criadas pela memória longa, aquela que pertence ao país de origem e que foi construída em relação à experiência individual com seu contexto social, a região onde morava, o estrato social ao qual pertencia, às condições econômicas, religiosas e, na Bolívia, que é um país maioritariamente indígena, todas as características anteriores são transversais às razões étnico-raciais.

Segundo os dados das últimas duas eleições (2019 e 2020) no exterior, o MAS conseguiu, no ano 2019, 120.647 votos, enquanto o CC ficou em segundo lugar,

com 54.568. O interessante é que a eleição foi realizada em 33 países e o MAS só ganhou em seis: Argentina, Brasil, Cuba, Egito, Índia e Venezuela, enquanto o CC venceu em 27 países.

Em 2020 novamente iria ganhar o MAS, com 112.249 votos contra 27.275 do CC. Se as quantidades são menores em relação a 2019, deve-se ao fato que a eleição só foi levada a cabo em 30 países, ou seja, três países a menos em relação ao ano anterior.

O mais importante a salientar nessa eleição é a mudança do voto do eleitorado em quatro países em especial: Chile, Espanha, Inglaterra e Suíça. Nesses três países da Europa ganhou Creemos, uma agrupação de cidadãos que se fundou para participar dessa eleição e que tem como seu líder principal Luis Fernando Camacho, que, como expusemos anteriormente, foi protagonista no conflito político que levou à queda de Morales.

Portanto, a pergunta é: por que nesses três países houve migração de votos do CC a Creemos, se ambas frentes políticas carecem de fundamentos ideológicos e só se conformam e adquirem sentido na oposição a Evo Morales e ao MAS? Acreditamos que a resposta está relacionada com a memória coletiva e longa desse eleitorado pertencente a uma região do país, nesse caso a região oriental da Bolívia, e, principalmente, a cidade de Santa Cruz de la Sierra, que se denomina o eixo geográfico central da Bolívia.

Segundo o trabalho de Grande Martín (2011), que analisa as características da migração de bolivianos/as para a Espanha na primeira década do século XXI, o perfil jovem e principalmente feminino. Também destaca que existe uma seletividade positiva na migração boliviana para a Espanha, no sentido de que os imigrantes bolivianos/as não representam a população com mais baixos níveis socioeconômicos e educacionais, pelo contrário, vêm de regiões com melhor crescimento econômico e recebem uma forte migração interna, principalmente a cidade de Santa Cruz de la Sierra (Grande Martín, 2011).

A pesquisa de Grande Martin oferece dados importantes para entender porque o voto do imigrante que mora na Espanha foi para o Creemos e não para o CC. Os sucessos de 2019 criaram novamente um líder forte na região oriental, Luis Fernando Camacho, o principal opositor do MAS e, principalmente, de Evo Morales.

Como indica Grande Martin, a cidade de Santa Cruz é a cidade que sofre maior pressão demográfica devido à migração interna, motivada a partir da Revolução de 1952 com Victor Paz Estenssoro. Como consequência, esse processo migratório produziu maior desenvolvimento econômico, mas também desenvolveu um forte racismo do Camba para com o Colla.

Com Evo Morales como primeiro presidente indígena, em 2006, esse racismo se expressou de forma mais evidente e violenta nas ruas de Santa Cruz, em especial com perseguição e agressão física de grupos paramilitares da denominada *Unión Cruceñista* contra indígenas e afiliados ao MAS. O governo de Santa Cruz encabeçou uma frente cívico-política contra o governo, com a reivindicação de autonomias regionais, movimento que se denominou “Meia Lua” e do qual faziam parte cinco departamentos: Santa Cruz, Beni, Pando, Chuquisaca e Tarija.

Esses antecedentes oferecem pistas para entender por que em países como Espanha o voto no exterior foi para o Creemos, sendo que com isso levaria votos ao CC e também à possibilidade de um segundo turno na eleição geral, algo que também aconteceu com a votação em Santa Cruz de la Sierra.

No caso do Brasil, pelo que mostra o resultado das votações, a situação é totalmente diferente, mas quais são as razões para que seja assim? Quando se trabalha com migração, os dados oficiais mostram números menores que os da realidade, porque existem fatores como situação irregular dos imigrantes, migração por curtos períodos e outras questões que são difíceis de quantificar.

Em entrevista realizada com o cônsul-geral da Bolívia em São Paulo, Jorge Ledezma, ele indicou que, segundo os dados do consulado, se podia falar de um número de 300 mil bolivianos/as morando na cidade de São Paulo. Segundo o estudo realizado pelo Núcleo de Estudos Migratórios (Nepo), baseado em dados do Sistema Nacional de Cadastros e Registros (Sincre) e da Polícia Federal Ministério de Justiça (Baeninger *et. al.*, 2018), no período de 2000 a 2015, foram abertos 88.604 registros no município de São Paulo de bolivianos/as para a solicitação do Registro Nacional de Estrangeiro (RNE).

Do total de registrados, 48.379 seriam homens e 40.225 mulheres, com maior representação na faixa etária de 20 e 40 anos, ou seja, uma população jovem e produtiva. Outro dado apontado pelo estudo é que 81.244 seriam solteiros e a principal profissão seria a de “decorador”, totalizando 66.811 pessoas (Baeninger, Fernandes, 2018).

O visto Mercosul facilitou a entrada de um grande número de bolivianos/as para o Brasil, para trabalhar como mão de obra na indústria têxtil, nicho laboral em que os imigrantes bolivianos trabalham sem precisar ter conhecimento da língua portuguesa e sem relacionar-se diretamente com a cultura do país acolhedor. Moram e trabalham entre bolivianos/as, falam espanhol e, quando saem aos fins de semana, frequentam os lugares onde os bolivianos e bolivianas se reúnem, como a rua Coimbra ou a Praça Kantuta, ou assistem a festas das fraternidades de morenada que trazem para seus eventos grupos da Bolívia e também do Peru e da Argentina.

As pessoas que trabalham na costura em sua maioria são oriundas das províncias, recrutadas por amigos e familiares que já estão estabelecidos no Brasil. Nas festas dos povoados, os migrantes voltam para ver familiares e amigos e também para recrutar outras pessoas que queiram trabalhar fora do país.

Na casa onde morei dois anos e meio (2015-2017), a família era de Tomina, uma província do departamento de Chuquisaca, próxima à capital Sucre. Quando se realizavam as festas na casa entre todos familiares e amigos, formava-se um grupo que podia chegar a cinquenta pessoas, e a maioria era da mesma província. Essa rede migratória baseada em relações de parentesco é o que o investigador boliviano Leonardo de la Torre (2009) percebe como uma tradição. O *habitus migratorio* se estrutura sobre a base de um conhecimento, reproduzido de uma geração a outra, e se constitui, com o tempo, em uma forma de existência.

O sociólogo boliviano Leonardo de la Torre Ávila, que estuda a migração principalmente em províncias do vale alto do Departamento de Cochabamba, aponta que esse processo ocorre há mais de oitenta anos e, ainda, que esse fluxo migratório surgiu por causas estruturais (econômicas, políticas, ambientais). Com o tempo, se converteu em uma constante e, citando Hirschman, o autor afirma que as “diásporas da desesperação se convertem em diásporas da esperança e, traz uma repetição geracional em diásporas da tradição” (Hirschman, *apud* Torre Ávila, 2009).

Não é possível afirmar porque não existem estudos que mostrem as variáveis socioeconômicas nem o grau de instrução escolar que possuem os imigrantes que chegam ao Brasil. Porém, as estruturas culturais e religiosas nos ajudam a compreender melhor essas lógicas de existência que os migrantes reinventam no choque com outra cultura e também como formas de resistência para situar-se socialmente em uma sociedade que os exclui.

Em agosto, é realizada a festa maior da comunidade boliviana, a entrada folclórica que se realiza o dia 6 em homenagem à fundação da Bolívia. A festividade tem especialmente um caráter religioso, em devoção às Virgens de Copacabana e Urkupiña; os devotos da primeira são principalmente do Departamento de La Paz e, da segunda, do Departamento de Cochabamba.

A partir desse fato folclórico cívico e religioso, podemos compreender quais são os lugares de procedência da maioria dos bolivianos que moram em São Paulo. Isso pode ser percebido a partir de como realizam suas festas e as semelhanças com as formas organizacionais das festas que se realizam na Bolívia, que têm características próprias segundo cada região.

Esse evento, com o passar do tempo, tornou-se o centro de um calendário festivo folclórico religioso, criando uma *comunidade imaginada* (Anderson, 2008), porque é produzido em um calendário de festas devocionais, como no caso da Virgem de

Urkupiña. Portanto, reduz-se a uma situação mais familiar, como ocorre no departamento de Cochabamba. O Preste é a forma que reinventa o *ayni*¹² na festividade religiosa, sendo uma instituição social em torno da qual se organiza o fato festivo em devoção a um santo. O Preste mayor é o casal designado a organizar a grande festa. Os padrinhos estão na obrigação ética e moral de colaborar com o que o Preste precisar, como grupo musical, local da festa, entre outros.

Com a migração da área rural para a *urbe* no departamento de La Paz, os imigrantes passaram a desenvolver a vida de modo que o espiritual e o material se complementam. Assim, com o passar do tempo, começaram a ter visibilidade e também poder econômico, trabalhando principalmente com comércio a partir de uma economia estendida e adquirindo visibilidade com suas formas e estruturas folclóricas e religiosas. Atualmente, é realizada na cidade de La Paz a maior festa para o *Señor de Gran Poder*, uma festividade que agora é a principal da cidade, mas que nas décadas de 1930, 1940 e até de 1980, era qualificada como a “festa dos índios”, “dos pobres”, e nessa época só era comemorada na periferia, enquanto na atualidade está sendo realizada pelas principais ruas da cidade.

E nessas lógicas de estrutura da festividade, há uma figura central já mencionada, o Preste,¹³ uma instituição social que é a versão urbana e transformada na festa do *ayni*, que na área rural seria o trabalho emprestado. Assim, as relações criadas nessas festas a partir do Preste permitem a formação de outros capitais econômicos, sociais, movimentando uma economia baseada no prestígio moral.

Essas lógicas de existência são as que mais predominam na comunidade boliviana pensando esse conceito a partir de seu sentido nacionalista, de pertencimento cultural e religioso. Porém, na realidade, é uma heterogeneidade que se fragmenta

12 O *ayni* nas comunidades do altiplano boliviano se realiza de forma individual ou coletiva. É uma forma de colaboração de um trabalho que é emprestado por uma pessoa, ou uma comunidade a outra. E quando essa pessoa precisar de ajuda a que recebeu a ajuda está na obrigação de devolver o favor.

13 O *Preste* é o responsável pela realização da grande festa que se realiza de forma devocional. Esse seria o seu significado já dentro da temática festiva e urbanizada. No entanto, sociologicamente, o *Preste* é uma instituição social baseada na reciprocidade e que decorre de lógicas comunitárias, que em aimará se chama *ayni*, trabalho comunitário desde que seja retribuído posteriormente. É uma forma de organização comunitária baseada na ética e que possui uma estrutura de rodízio temporário. O *Preste* dentro da organização festiva é a figura principal, o organizador do festival, mas é também a forma como o *ayni* se reestrutura no festivo. O *Preste* está encarregado de administrar a festa e gastar dinheiro significativo, mas também fará isso em troca de outros *prestes* anteriores que receberam alguma ajuda dele para realizar a festa. Ou seja, se alguém trouxer 40 caixas de cerveja para o festival de um ano x, a pessoa que recebeu essas 40 caixas será moralmente obrigada a devolver as 40 caixas e mais. Se o pagamento da dívida não for cumprido, recebe-se a reprovação social de sua fraternidade ou organização, ou seja, uma punição moral.

pelas memórias estabelecidas num longo processo histórico e por outras diferenças, que podem ser étnicas, regionalistas, ideológicas e de classe.

Benedict Anderson (2008), no livro intitulado *Comunidades imaginadas*, explica que o nacionalismo foi gerado não como oposição a dois sistemas culturais principais que o precederam, como foram a comunidade religiosa e o poder dinástico, mas que a consciência nacional surge principalmente por meio do que ele vai explicar com a ideia de simultaneidade em um tempo vazio e homogêneo (Anderson, 2008, p. 55).

Ao cruzar as fronteiras, essas memórias criadas no país de origem podem apresentar uma falta de unidade ou de construção de uma comunidade com uma estrutura organizacional importante no país de acolhimento. Menezes vai especificar que a memória é um operação ideológica, uma representação de si próprio, uma construção social que reorganiza simbolicamente o universo das pessoas, de imagens e que oferece códigos para intercâmbio social (Menezes, 1982).

Em São Paulo, é a devoção que cria a comunidade imaginada e que se estrutura a partir da figura social do Preste e de um ciclo anual de festas marianas. Essa memória coletiva agrega as individualidades a partir da religião, com um sentimento mais profundo, e os imigrantes se reencontram socialmente nas fraternidades e nos grupos que existem, e que anualmente se preparam para o mês de agosto, quando todos dançarão em uma celebração folclórica e, com isso, demonstrarão sua fé, seu nacionalismo.

Contudo, diferentemente da Espanha, no Brasil a população imigrante boliviana, em sua maioria, chega das áreas rurais. Portanto, como afirma a socióloga Iara Rolnik, as pessoas que chegam à região metropolitana de São Paulo migram da cidade do El Alto (Xavier, 2010), com uma identidade aimará forte, pois é a cidade mais jovem da Bolívia e que recebe uma forte migração da área rural do altiplano boliviano.

El Alto de pie nunca de rodillas é o lema que a cidade adotou após a fuga de Gonzalo Sánchez de Lozada (Goni) da Bolívia, em 2003. Essa revolta popular realizou-se por parte da população de El Alto. Na coação, mais de 50 pessoas morreram nos conflitos e em 2019 morreram mais de 30 pessoas, no governo de Añez.

Na Bolívia, o voto forte do MAS é justamente dessas áreas do país, da área rural e da cidade do El Alto. Agora, na Argentina e no Brasil inclusive, a quantidade de votos da população migrante é maior que do Departamento do Pando, na Bolívia, e possivelmente também essa foi a razão principal pela qual o voto no exterior foi gerenciado rapidamente no primeiro mandato do MAS no poder. Isso porque representa grande importância em um país em diáspora, o que verifica-se a partir dos dados: quinta parte da população mora fora e, depois do gás, a maior arrecadação financeira vem das remessas econômicas dos imigrantes.

REFERÊNCIAS

- ANDERSON, B. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem a difusão do nacionalismo*. Tradução: Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARTEAGA SCHWARTZBERG, I. E. *Lógicas Ch'ixi de la migración boliviana en São Paulo – Brasil*. 2017. 114 p. Tese. (Mestrado em Estudos Culturais) – Escola de Artes e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.
- BAENINGER, R. *et al.* *Atlas Temático*. Observatorio das Migrações em São Paulo. Migrações Internacionais. Nucleo de Estudios de População “Elza Berquo” – Nepo. Unicamp. 2018.
- BARROS, R. Desigualdade social e racial é fator importante por trás de óbitos relacionados a covid-19. Fapesp. 2021. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/desigualdade-social-e-racial-e-fator-importante-por-tras-de-obitos-relacionados-a-covid-19/>. Acesso em: 15 out. 2021.
- FERNÁNDEZ CHRISTLIEB, P. *El espíritu de la calle*. Psicología política de la cultura cotidiana. México: Antrophos Editorial, 2004.
- FERRAROTI, F. Las historias de vida como método. *In: Revista Convergencia*. UNAM, México, 2006.
- HELLER, A. *O cotidiano e a história*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- MAGALHÃES, L. F.; BÓGUS, L.; BAENINGER, R. Covid e imigração internacional na região de São Paulo. *In: REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. 2021.
- PORTELLI, A. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre ética em história oral. *Revista Projeto História*, PUC, n. 15, 1997.
- RIBEIRO, K. B. *et al.* Social inequalities and covid-19 mortality in the city of São Paulo, Brazil. *International Journal of Epidemiology*. 28 fev. 2021.
- RIVERA CUSICANQUI, S. *Sociología de la imagen: ensayos*. 1 ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Tinta Limón, 2005.
- SAYAD, A. *Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1998.
- SCOTT, J. *Los dominados y el arte de la resistencia*. México: Era, 2008.
- SILVA, S. *Costurando sonhos*. São Paulo: Paulinas, 1997.
- SILVA, A., CORRÊA, F. *No interstício das disciplinaridades: a psicologia política*. 1 ed. Curitiba: Editora Prismas, 2015.
- TORRE ÁVILA, L. “No llores prenda, pronto volveré”. Migración, movilidad social, herida familiar y desarrollo. La Paz: Fundación Pieb; Ifea, UCB, 2006.
- XAVIER ROLNIK, Iara. *Projeto migratório e espaço: os migrantes bolivianos na Região Metropolitana de São Paulo*. 2010. 263 p. Tese. (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

